

**HISTÓRIAS
DO
VOVÔ
APOLÔNIO**

(SOCIEDADE E POLÍTICA PARA
JOVENS)

Vovô Apolônio era um velho professor de latim muito querido pela criançada e pelos jovens. Ele era um negro de olhos vermelhos e cabeça pelada, lustrosa como um espelho; os dentes eram alvos, bastante polidos.

Vovô Apolônio contava histórias fascinantes aos seus ouvintes. Inventava coisas de admirar. Ou reinventava contos antigos. Dizia que eram “*verdades*” escondidas sob a carapuça de fábulas e parábolas. Portanto, havia muito que aprender com tais histórias.

Ele falava sempre sobre “consciência política” e queria que os jovens possuíssem esse precioso bem. Apolônio não aderiu a nenhum partido, nenhum mesmo... achava todos falhos e incompletos. Cada um se dizia o dono da verdade e não era dono de verdade nenhuma: eles criavam as suas próprias verdades, convenientes às suas doutrinas.

O velho professor não falava contra a propriedade privada, nem incentivava as revoluções, nem se dava por salvador do mundo. Afirmava que qualquer atitude, por mais simples que fosse, desde que fosse sincera e voltada ao bem, ajudaria o mundo a melhorar.

Viesse sob o nome de religião, ou socialização, ou ideologia, o que importava era o resultado.

Citava nomes como os de Madre Teresa de Calcutá e Irmã Dulce, mulheres abnegadas que prestaram um favor enorme à sociedade sem perder tempo com discursos inflamados e inúteis.

Falava também de Santo Onofre, um ermitão que se afastou do mundo para viver uma vida em contato direto com a natureza, sem nenhum apego aos bens materiais. Não usava roupas, não tinha dinheiro, não brigava. Apenas com o seu exemplo, mostrou que há valores maiores que uma existência materialista.

E assim, Vovô Apolônio buscava incutir nos seus discípulos a tal “consciência política”.

Diante do Grupo Escolar Professor Pirajá, reuniam-se os meninos e as meninas, à noite, para ouvir os contos do ancião. Sentavam-se em cadeiras ao redor do negro, sentado em uma cadeira mais alta. As histórias geralmente eram contadas durante noites seguidas até o final, como quando se lê um livro comprido para crianças – lê-se uma parte hoje, outra amanhã, etc. Essa técnica, muito boa, foi usada pela bela Sherazade para escapar da morte, contando histórias ao sultão que nunca terminavam na mesma noite.

Embora não gostasse de revoluções, nem de guerras, Apolônio contou a história de uma guerra. Contou a história de:

Desertão

Durante a Monarquia de D. Pedro II, apareceu no sertão nordestino um jovem pregador de barbas longas, vestido em um camisolão azul e carregando uma sacola de couro às costas. Ele pregava muito bem e o povo seguia-o, pois ele falava a linguagem simples das pessoas e das coisas vividas por elas. Chamava-se Antônio Conselheiro.

O Conselheiro gostava da Monarquia, do imperador e da princesa Isabel. Mas, a Monarquia caiu. Uma formosa dama seduziu os homens da política e dominou o país: era a República.

O sertão, como vocês sabem, é um lugar árido, assolado pela seca periodicamente. Secam-se os rios, faltam as chuvas e a população fica a penar, maltratando-se de trabalhar, caminhando dois ou mais quilômetros com balde d'água na cabeça, labutando no solo duro e rachado.

Dizem que o nome sertão vem de deserto. Um grande deserto: um *deSERTÃO*.

Assim que a República assumiu o comando do Brasil e D. Pedro II partiu para a Europa, o Conselheiro ficou com raiva e começou a falar mal da dita-cuja. Dizia que ela era inimiga do povo e que, em breve, o mundo ia se acabar.

Porém, como já se falou, a República vivia de conchavo com os poderosos e, reclamando a eles das ofensas sofridas, conseguiu a sua ajuda para calar o Conselheiro. Fascinados pela beleza da dama, os homens resolveram acabar com o profeta e com sua gente.

Mas, o Conselheiro ainda passou muito tempo falando mal da República até que viesse a vingança dela. Quando veio a guerra, Conselheiro já estava velho e tinha uma cidade só sua, onde ele era o chefe: o Arraial de Canudos, no interior da Bahia.

Em Canudos, a Seca não entrava. Por mais que tentasse, a Dama de Negro do sertão não conseguiu invadir as terras abençoadas do profeta. Lá, ninguém passava fome, nem sede. O rio Vaza-Barris supria as necessidades do povo pobre. Todos gozavam a fartura e a felicidade. Os animais que moravam lá também eram felizes, pois não sofriam as misérias provocadas pela Seca. Vinham pessoas, de

longe, para habitar Canudos. A população cresceu consideravelmente.

A Seca, toda trajada em seu vestido preto, especulava maneiras de entrar naquele paraíso para devastá-lo tal como fazia nos arredores, mas não havia jeito. Ela remoía-se de raiva, batia os pés de desespero e esculhambava o Conselheiro: quem era aquele homem barbudo, de chapéu de abas largas e vestido de azul que aparecera para desafiá-la e impedi-la de realizar a sua colheita voraz?

A Seca, com os seus cabelos desgrenhados, sacudia a foice de um lado para outro, furibunda e torcia para que o Conselheiro batesse as botas (se bem que ele não calçasse botas, mas simples sandálias).

A principal construção de Canudos era a igreja. De sua torre, o sino badalava chamando os fiéis para a missa e marcando as horas do dia – da mesma forma que acontecia na Idade Média quando a igreja era o centro da vida comum e servia como relógio de todos.

O profeta pregava diariamente diante do templo. A multidão reunia-se para ouvi-lo. Todos queriam aprender com o santo. E ele, com seus olhos brilhantes, discursava sobre religião e sobre o futuro.

O velho também escrevia muito. Conhecia latim e tinha muitos livros de antigos Doutores da Igreja. Até *A Utopia* de Tomás Morus fazia parte do seu acervo.

Outra promessa que o chefe do arraial fazia com frequência era a do retorno de D. Sebastião, um rei português que sumira numa batalha na África há muitos anos. Ele dizia que esse rei voltaria para governar o mundo e isso mais irritava a República, pois quem governava era ela.

Finalmente, a Dona República obteve o que tanto almejava: a guerra contra Canudos. Os seus amantes resolveram protegê-la contra as investidas do Conselheiro. E veio a matança.

Havia, em Canudos, muitos atiradores (os chamados jagunços) e eles lideraram a revolta contra as forças da República. Não é preciso dizer que muitas pessoas morreram nessa briga inútil. A princípio, os sertanejos valeram-se de enxadas, foices e armas de fogo rudimentares para lutar; depois, vencendo algumas batalhas, apropriaram-se das armas de fogo dos soldados e passaram a usá-las.

Quase um ano durou a guerra. E o número de mortos e aleijados crescendo. Levaram até metralhadoras e canhões *Krupp* –

uma novidade – para matar o povo de Canudos. O Conselheiro não participava das brigas – era homem de paz.

A Seca vibrava com tudo aquilo. Já que não pudera vencer o profeta, que o vencesse a República. E foi o que aconteceu...

O Conselheiro venceu a Seca, mas não derrotou a República.

No final, os defensores da bela dama destruíram Canudos por completo. Antes, porém, da derrota, o velho pregador foi embora; não queria ver o seu povo morrer e desaparecer: mudou-se, portanto, para o céu, para junto de Deus, onde lograria as bem-aventuranças eternas.

As festas da República e dos seus aliados foram enormes. Todos se sentiram felizes com aquela matança louca.

E a Seca, pulando de alegria, voltou a ser dona absoluta de *todo* o sertão.

.....

- Essa história é triste... – falou Letícia.

- E, afinal, a República era mesmo má? – perguntou Frederico.

- Bem... Não é uma questão de ser ou não má – explicou Vovô Apolônio – Tanto a Monarquia como a República apresentaram vantagens e desvantagens. A cisma do Conselheiro com a República tinha, provavelmente, mais motivação religiosa que política. Para ele, a Monarquia representava o tipo de governo ideal, aprovado por Deus. A Bíblia está cheia de histórias de reis escolhidos por Deus e o próprio Jesus foi aclamado Rei dos Judeus. O novo sistema era diferente, era coisa nova, não era milenar como a Monarquia. Além disso, a República separou Igreja e Estado e instituiu, assim, o casamento civil, realizado sem a benção dos sacerdotes. Para o profeta, isso era um pecado terrível e ele não aceitou a nova forma de governo. Indícios levam a crer que o Conselheiro não era revolucionário e jamais pretendia uma guerra. Há versões que afirmam que ele desejava a rendição, mas os jagunços pressionaram-no a continuar no conflito.

- E quem estava certo? – indagou Luíza.

- Ninguém. O que os governantes fizeram foi uma crueldade sem tamanho. Mataram milhares de pessoas que precisavam de ajuda e não de violência. O sertanejo sempre sofreu – na Monarquia ou na República, a sua vida nunca foi muito fácil. A República não considerou que o sertanejo também faz parte do país e, como

cidadão, tem direito a uma vida digna e feliz, tem direito a usufruir de todas as regalias que os outros possuem. Atacou aquele povo pobre com armas pesadas, rugindo como bestas-feras e destruindo tudo, matando crianças, mulheres e velhos. Realmente, era o fim do mundo – para os sertanejos. E a República era o Anticristo. Mas, havia falhas em Canudos também. Para proteger-se das ameaças dos republicanos, o Conselheiro cercou-se de alguns homens de moral duvidosa – homens que já eram habituados aos crimes pelas brenhas do sertão. Foram esses matadores que encabeçaram a guerra e lideraram a população no massacre. Além disso, essas pessoas começaram a praticar assaltos nas redondezas e até em locais distantes. O Conselheiro pregava contra o roubo – por que, então, os seus homens roubavam? Se todos viviam bem em Canudos, para que praticar crimes? O Arraial, de fato, recebia auxílio de grandes fazendeiros de modo que as terras, o gado e os mantimentos iam crescendo sempre mais.

Após uma pausa, ele concluiu:

- O que aconteceu, na verdade, foi um sério desentendimento e, mais uma vez, a brutalidade humana prevaleceu e veio a guerra. E, com a guerra, morreram milhares de homens, tanto sertanejos como soldados, esfaqueados pelas balas, queimados pelo fogo. Muitos

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

